

FÓRUM LINGUÍST!CO

VOLUME 21 | NÚMERO 4 | OUT./DEZ. 2024

DOSSIÊ: INCLUSIVE

ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA

APRESENTAÇÃO

Iran Ferreira de Melo*

Universidade Federal Rural de Pernambuco

O papel da linguagem na inclusão, exclusão e representação de certos grupos tem sido fundamental para o campo de estudos da linguagem e do gênero desde a década de 1970. No princípio, algumas contribuições mais notáveis da interface linguagem-gênero tiveram a ver com como representar as mulheres de forma mais igualitária nos textos através de mudanças lexicais e sintáticas, no que ficou conhecido como linguagem não sexista. A atenção às estruturas linguísticas sexistas e androcêntricas dominou o campo por duas décadas e pode ser visto como uma indexação do zeitgeist, em diferentes graus, da revolução cultural de Maio de 68 e do feminismo de segunda onda. No entanto, o relativo sucesso institucional das reformas linguísticas não sexistas e a virada discursiva que o campo testemunhou na década de 1990 causaram a atenção pública e acadêmica a uma linguagem inclusiva de gênero.

Em vários cantos do mundo, o interesse renovado em como as estruturas linguísticas excluem e/ou deturpam certos grupos seguiu na esteira de mudanças acadêmicas e políticas. Notadamente, grupos trans ganharam mais visibilidade pública e propuseram suas próprias teorias e conceitos, demandando linguagens menos transfóbicas e menos centradas na cisgeneridade. Além disso, as reformas linguísticas passaram a ser tributárias de críticas feministas anteriores e a compartilhar alguns dos seus princípios básicos, mas existem vários pontos de divergência.

* Doutor em Linguística (USP). Professor de Linguística Queer, Análise Crítica do Discurso e Educação em Direitos Humanos (UFRPE/UFPE). Coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer) e do Observatório Brasileiro da Linguagem Inclusiva de Gênero. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Progel-UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE). E-mail: iranmelo@hotmail.com.

Embora uma grande variedade de práticas inclusivas de gênero vise à representação igualitária de mulheres e homens, elas ainda mantêm o ideário da binariedade ileso. Para línguas com gramática robusta, como português, espanhol, francês, alemão, italiano, e outras, o objetivo de uma linguagem inclusiva assim é reduzir o binarismo gramatical de gênero, acrescentando engenharias linguísticas que transcendam normas binárias. No entanto, uma proposta dessa ordem não passa despercebida por linguistas e pessoas leigas que têm cada vez mais se envolvido nos acalorados debates públicos sobre esse tema.

Essas racionalizações metalinguísticas e metapragmáticas sobre a linguagem compreendem que gênero como uma categoria gramatical não pode ser pensado como independente do seu contexto cultural. Com isso, emergem formas linguísticas denominadas como não binárias, fazendo com que o discurso sobre essa linguagem se multiplique e receba atenção renovada na esfera pública. Tal proposta metadiscursiva em particular se constitui como uma ferramenta analítica frutífera que funciona como ponto de entrada para compreender não apenas a neologia que propõe, mas também, e talvez mais centralmente, os contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos em que ela surge.

Este dossiê reúne cientistas que se interessem pela linguagem não binária como discurso inclusivo de gênero a partir de temáticas como as seguintes.

- Contextos nacionais e transnacionais de emergência, circulação, apropriação e contestação (quão únicas são as instanciações locais do fenômeno? Como e para até que ponto ele é informado por fluxos transnacionais de atores, discursos e práticas de militância?).
- Multilinguismo e translinguagem (qual é o papel da linguagem não-binária nas sociedades multilíngues?).
- Genealogias e memórias dos debates e como eles aspectos se sobrepõem e/ou contestam uns aos outros (qual é a história local do fenômeno? existem genealogias/memórias alternativas? Como essas histórias e rasuras cruza-se com movimentos sociais e intelectuais?).
- Convergências e divergências a respeito da linguagem não-binária (o que linguistas, a mídia, os políticos, os cidadãos dizem sobre o fenômeno? como essas opiniões circulam nacional e transnacionalmente? O que feministas, trans, queer e pessoas não binárias dizem sobre o fenômeno?).
- Práticas de nomenclatura e como enquadram o fenômeno e as controvérsias em torno dele (quais as possibilidades e limites dos usos não-binários?).
- Usos e abusos de tais inovações na esfera pública (como a linguagem não-binária vem sendo adotada pela mídia, governos, empresas? como os usos institucionalizados refletem e/ou perturbam os usos populares?).
- Renovação e desafios aos sistemas especializados (quais são as trajetórias, experiências, atores ou instituições funcionando como processos de reconhecimento para produzir especialistas nesta área?).

Espero que vocês aproveitem bastante a leitura.